

SELEÇÃO DE POEMAS E TRADUÇÕES

de Jair Cramacho

por Florisvaldo Mattos

DE SOLITUDINE

De Pandion o canto solitário
Recorta o manto azul da tarde calma.
(Ausente nunca poderias, alma
Sonora, estar!) O certo itinerário
Das horas sombras denunciam. Tudo
Percebem os sentidos avivados.
Ah! Quando mesmo o tempo dos seus dados
Despoja-se aleatório, queda mudo,
Então se pode ouvir além a flauta,
Ou quase que se pode ver o vulto
De um deus antigo na clareira oculto;
Ou o fascínio, o mistério de uma incauta
 Dos anjos aparição, as asas lestes
 Roçando esguias sombras de ciprestes.

SONETO IMITADO DE RUPERT BROOK

Muito antes que me canse de te olhar
A noite fechará meus olhos. Sombra,
Serei lançado à solidão, à alfombra
Do Hades sombrio. Lá, hei de aguardar
Pacientemente o dia que imagino,
Quando uma luz subir o Estígio rio,
Quando soprar um vento peregrino,
E dos mortos ouvir o vozerio
Distante, e então souber que tu morreste.
Ah! Mirar-te-ei de novo (um sonho puro
E claro atravessando o mundo escuro)
Passar, olhar – o olhar que não perdeste –
 Movendo as tuas tranças em absortos
 E alegres gestos entre os velhos mortos.

ADOLESCENTE, VEM...

Adolescente, vem às sombras mansas
Desta encantada solidão. Desliza
O Tempo no silêncio. Atenta, a brisa
Das altas árvores revolve as tranças.
Por que tantos cuidados? Dos adornos
Despojo-te, e dos lábios o fictício
Carmim retirado. Esquece o vício
De não seres o que és. Dos teus contornos
Quero ver a beleza inda inviolada,
Esta invejada Cípria que apetece
(Se o clássico julgar então pudesse
De Páris repetir!) a desterrada
 Dos mortos multidão ressuscitar
 Por ver se alguém já pode te igualar.

DE POLIFEMO PARA GALATEIA

Se sei que do cerúleo mar acodes
Que estranha natureza então consente
Deixar o meu ofício que anda rente
C'ó costume das cabras e dos bodes?
Por que desprezo agora os meus rebanhos
Que outrora só de olhar me compraziam,
E fico a armar golfinhos de asnos e anhos
Que tuas rotas pelo sol vigiam?
Por que meu único olho que bastava
As cores da campina, ao calmo sono,
Parece não ser meu, e não ter dono,
E fonte, hoje, de prantos mais se escava?
 Por que me tenho aqui neste momento
 Pesado ciclope a sentir-me vento?

COMO EREMITA...
(De Sir Walter Raleigh)

Como eremita, num lugar obscuro
Meus dias vou passar de cisma eterna,
Onde somente Amor me possa ver na
Tarefa de pensar meu corpo impuro.
Serão meu alimento tristes curas,
E minhas próprias lágrimas, bebida;
Por luz, aquela zona escurecida,
Terei do coração as chamas puras.
De dor meu corpo um manto cobrirá,
E da desesperança meu reforço
Farei. Longo desejo e vão remorso;
O leito onde meu dorso deitará.
E, à minha porta, o Desespero à espera
Que Amor e Fado a morte tragam fera.

SONETO PARA CARLOS PENA FILHO

A solidão que vem, a do futuro,
Já navega no mar de nossa ausência;
E, tudo que é de agora, esta excrescência
Do vivo e tátil, desconforta (Puro,
Paira no cimo o fruto prematuro,
Ouro do sem-sentido – luxo e ciência
Que dão às nossas sombras a tendência
De aumentar em domínio o chão escuro).
De que nos vale pois tanta vivência,
Tanta luz para os olhos neste muro
De pedra e sal ardido de alma e duro
Desamor?... Sem cuidados de clemência,
Já navega no mar e aperta o porto
O silêncio-crepúsculo do morto.

ENCOSTO-ME À JANELA...

Encosto-me à janela – a chuva espessa
As imagens esfuma na alameda;
Difusa se adelgaça um tristeza,
Se é tristeza esta cinza, esta demora.
Passos crescentes soam no uniforme
Rumor da ventania desvairada.
Moça correndo passa na calçada
Com todo o seu mistério, e vai-se embora.
Sinto que vou chorar, sinto que é hora
De um à-toa chorar. Meus girassóis,
Se compreender pudésseis o meu gesto,
Isso de não ser fera nem ser pasto,
 Ou de talvez ser ambos, pasto e fera,
 À espera da catástrofe da espera...

SONETO REFRÃO PARA POESIA MAIOR

O nome é Dragazés do imperador,
De Constantino, o XIII deste nome;
Príncipe nobre e belo, gentil-homem
Que resistiu ao ouro do subor-
No, ao ouro sangue do cruel Mafoma,
Que havia de vestir-se de Destino,
Que havia de unir Roma e Constantino
No fim dos Constantinos e de Roma.
O Constantino XII, imperador,
Caiu valentemente, e tem-no Deus,
ρομαιων αυτοκράτωρ βασιλευς
Por resistir ao preço do subor-
 No, ao ouro podre do cruel Mafoma
 Que foi o fim da bizantina Roma.

UM TEMA DE C. P. CAVAFY

Sim, glória para aqueles que na vida
Puseram sempre guarda nas Termópilas,
E, o dever sempre em mente, nas Termópilas,
Perseguem a coragem destemida,
O orgulho temperado de humildade;
Se ricos e abundantes, generosos;
Se pobres, igualmente generosos
Nas pobres cousas. Destes ninguém há de
Roubar a glória, a fama após a morte.
Mentiras dos seus lábios nunca saem,
Contudo, se apiedam dos que traem
E acumulam mais louros, pois a sorte
 Presentem e de Efiltes a traição,
 E que, no fim, os persas passarão.

OUTRO TEMA DE C. P. CAVAFY

O imperador Comeno, o Manuel,
Sentindo aproximar-se a fera morte,
Pôs-se a pensar no Além, e sua sorte
Começou a pesar. Estremeceu.
Em manhã melancólica de outono,
Os magos, homens pagos, discutiam
Que razões de temores não se viam,
Que o cuidado do rei não tinha abono.
Mas o rei Manuel, sem dar ouvidos
Às babugens dos magos, homens pagos,
Mandou buscar os sacros seus vestidos...
Bendito o que acredita, mesmo em vagos
 Princípios, e, no fim, quando prevê
 Segue a morte nos hábitos de fé.

ABANDONO-ME. O TÉDIO...

Abandono-me. O tédio é muito forte,

Forte demais pra resistência;
E a minha, nula, é a justa decorrência
De já nenhuma ter. Melhor a morte
Poderia aceitar, porque, sorrindo,
Tudo que agora é triste se daria
Como por um processo de alquimia
(Ah! Só por ver-me nela, ressentindo
O tempo enorme que perdia!)... Ó vagas
Imagens, do éter habitantes, vinde
Palhaços do Universo, que se finde
Esta mosca de Juno em minhas chagas
 De calma. Calma que a nenhum Egito
 Me pode conduzir o que repito.

SONETO DE UM SONHO
(De John Keats)

Como o de Maia filho aos pés alados
Confiou-se após enfeitiçar o arguto
Argos, também com carne antigo e enxuto
Encantou a minh'alma os acordados
Olho0s cem deste horrível bicho-mundo.
Ah! Dominado o monstro, foi-se breve,
Não para a do Ida altura, a fria neve,
Nem ao Vale de Tempe fresco e fundo,
Mas antes ao segundo anel do reles
Inferno onde, entre ventos, chuva intensa,
O queixar-se aos amantes não compensa.
Pálidos lábios, pálidos aqueles
 Que beijei... bela a forma que eu seguia
 Na tempestade de melancolia.

PARA FERNANDO PESSOA

Quebrou-se o antigo encantamento! Agora,
Jaz as margens do sal o plenilúnio;

A mão que as rosas ao tocar de junho
Morrer fazia, morrer faz a aurora
Nas ourelas tardias (Menos luz,
Ou luz menor, formula o raciocínio
Em justo termo e, já sem velocínio,
Compreende, em sombra, os mártires da cruz!);
O que cinzas colhia – cinzas era
Do mais extremo desamor – compõe
As gestões de uma oposta primavera,
E deixa a cada sonho que se sonhe,
 E funde a treva à luz, o catecismo
 Tingindo da uniforme cor do abismo.

HOC ERAT IN VOTIS

Um pedaço de chão! Digentia seja
Do Recôncavo o plácido ou caatinga
De pedra e sol. Nem a exigência vinga
Do bosque umbroso ou da que rumoreja
Fonte, do sólio pé. Que valha menos,
Contanto que de Roma não se atinjam
A solidão nem meu silêncio, e finjam
Nem perceber a minha ausência, amenos,
Anhos pingues de sonho, quanto quero,
Poltrancas de memória, azuis, serenas...
Se por mim perguntar o bom Mecenas,
Ou mesmo Augusto, agora nobre e austero,
 Pra fastos lhes cantar em tredo idílio,
 Por favor, lembrem Varius ou Vergílio...

OS SONÂMBULOS

Deixai os que andam sozinhos
Nos longos corredores, entre as sombras;
O seu andar não contém espaços:

Levitam no ar, suspensos e lúridos.

Soltai a contida existência das cousas
Porque ela já de nada lhes serve.
Os sonâmbulos são sonhos vivos
De braços e pernas, olhos e orelhas, mas sonhos.
Efêmeras são as palavras
Nos seus monólogos crepusculares. Calai-vos.
Deixai os que andam sozinhos
Na existência única da memória:
Andam por labirínticos ermos mas descobrem
A outra face do mundo.

SONETO OITAVO DE ATALANTA EM CALIDÔNIA

Nesta tarde o terreiro está vazio.
Distante o laranjal se estende; a manga,
A serra, o azul depois; tênue miçanga
De açafão tinge as fímbrias, o do estio
Único resto. Esta tristeza é mais
Que a da paisagem pobre e adormecente;
Talvez por não ter rosas, não ter gente,
E a solidão vagueie pelos currais.
Mas, certo é que nesta hora, ressurrecto,

O mito abandonado busca o luxo
Antigo de existir; dispõe espectros
Que em volta cirandeiam do repuxo...
Ah! Mais que basta para o instante magro
Galinhas ver – irmãs de Meleagro!

POR CAMPOS BRANCOS...

Por campos brancos de nuvens
Solto meus leves cavalos:
Soltos de mim são mais belos

Com suas crinas revoltas.

Por campos brancos os solto,
E como leves levitam
Com suas crinas revoltas
E brancas como de nuvens!

Por campos brancos infindos
Solto os meus leves cavalos
Pra no horizonte entre as nuvens
Vê-los tão-só e perde-los.

SONETO DE UM DELÍRIO

Por longos e sombrios corredores
O passo vou levando lentamente;
Não sei da mágoa nem como se sente
Pejado o meu espírito de dores.

Aqui! Não foi aqui, foi muito além de
Tudo, desta sombra e seus horrores...
Em Ellesmere, a neve em mil labores
Deitava-se nos frios, brancamente...

E agora? Eu entre vidros, neste tubo,
Com minhas mãos os olhos meus desminto:
Ellesmere está longe em névoa e gelos!

Por longos corredores ando, subo,
Até chegar ao pranto amargo e tinto,
Os dedos enfiados nos cabelos.

ENCOSTO-ME À JANELA...

Encosto-me à janela — a chuva espessa
As imagens esfuma na alameda;

Difusa se adelgaça uma tristeza,
Se é tristeza esta cinza, esta demora.
Passos crescentes soam no uniforme
Rumor da ventania desvairada.
Moça correndo passa na calçada
Com todo o seu mistério, e vai-se embora.
Sinto que vou chorar, sinto que é hora
De um à-toa chorar. Meus girassóis,
Se compreender pudésseis o meu gasto,
Isso de não ser fera nem ser pasto,
 Ou de talvez ser ambos, pasto e fera,
 À espera da catástrofe da espera...

TRADUÇÃO DE UMA ODE DE HORÁCIO

Quem, entre rosas abundantes, Pirra,
Banhado em líquidos perfumes, grácil,
 Te em gruta amena cinge?
 Pra quem a loura trança arrumas
Tão simplesmente? Quantas vezes, quantas,
Os deuses pranteará, a fé lograda,
 E áspero o mar, por negros
 Ventos, verá, não costumado,
Quem agora te gozza e te acredita
Quem por honesta tem-te e sempre amável
 Ah, sem saber que as auras
 Falazes são! Pobre daquele
A quem pareceis pura! Sacro voto
No Templo indica inda tímidas as vestes
 Que, salvo, dediquei
 Ao poderoso deus dos mares.

*Quis multa gracilis te puer in rosa
Perusus liquidis urget odoribus,
 Grato, Pirrha.sub antro?
 Cui flavam religas comam
Simplex munditiis? Heu, quoties fidem,
 Nigris aequora ventis*

*Emirabitur insolens,
Qui nunc te fruitur credulus áurea;
Qui semper vacuum, semper amabilem
Sperat nescius aurae
Fallacis. Miseri quibus
Intentata nites! Me tabula sacer
Votiva paries indicat uvida
Suspendisse potenti
Vestimenta maris deo.*

JAGUARIFE

**Os ardores felinos que me inspiras,
Estas forças noturnas desatadas
Em maciez de gramas orvalhadas
Que já se secam quando o dorso viras**

**Em lascívia dolente, gozos e iras
De carícias apenas começadas;
Estas forças noturnas desatadas,
Os ardores felinos que me inspiras.**

**São heranças de um tempo sem memória,
De um passado de fainas estelares,
De silêncios enormes, minha amada,**

**Quando a mais plena lua em sua glória,
Se comprazia em pastorear jaguares,
E os reunia à beira desta aguada.**

*Meu negro malmequer de mangue e lama
De bruscos movimentos amorosos
Como ocasos silentes e saudosos
De intervalos de cinzas e de chamas.*

*Em Jaguaripe – o amor que sobre a cama
Aprova ou desaprova nossos gozos
Que nem os de égua e rufião fogosos*

Em crinas repetindo beijo e mama

*Resulta da prenhez de muitas luas
Sobre campos antigos sobre ruas
Antigas e memórias esquecidas*

*Na ardência dessa cousa luminosa
Que fez o cardo o fel e fez a rosa
E delicadamente nossas vidas*

A DIONÍSIO

(Tradução de um hino de Homero)

De Dionísio o glorioso rebento da augusta Sêmele,
Lembrarei, como à ourela do mar infecundo surgiu,
Sobre um cabo saliente, na forma de um jovem varão
Inda imberbe, os seus belos e negros cabelos
flutuando,
E, portando nos ombros robustos um pálio de cor
Purpurina. Eis que logo num bem cobertado navio
Salteadores tirrenos surgiram do mar dor de vinho,
Por madrasta fortuna impelidos, e, ao verem-no,
pronto
Entre si consentiram, e logo a prendê-lo avançaram,
E em seguida ao navio levaram-no, as mentes alegres.
Confiavam-no filho de reis procedentes de Zeus,
E em cadeias possantes até-lo quiseram por força.
Todavia as cadeias o não seguravam, e os elos
De seus pés e das mãos se soltavam, enquanto,
sentado
Com seus olhos noturnos se ria. O piloto, entendendo,
Conclamou logo os seus companheiros e disse o
seguinte:
“Infelizes, que deus poderoso domar e prender
Pretendeis?” Mesmo o nosso navio o não pode levar,
Pois sem dúvida é Zeus, ou Apolo das flechas de
prata,

Ou talvez Posêidon, já que aos homens mortais não parece,

Mas aos deuses que habitam as amplas moradas do Olimpo.

Apressai-vos! Deixêmo-lo em terra, na praia sombria,
Desde já nem co'as mãos o toqueis, para que não, irritado,

Fortes ventos excite e abundantes terríveis borrascas.”

Assim disse, e o cruel capitão retrucou-lhe o seguinte:

“Infeliz, olha o vento e o velame da nave desferra,

Tendo as armas colhido, que deste os demais cuidarão.

Pois espero que chegue ao Egito, ou que a Chipre ele chegue,

Ou país hiperbóreo, ou além; e que ao fim da jornada

Seus amigos nos diga e nos conte seus todos haveres,

Seus irmãos — pois é certo que um deus aqui no-lo entregou.”

Disse, e o mastro fincou e o velame largou do navio,

E no bojo da vela sopraram os ventos. Em torno,

Dispuseram as armas. Mas logo surgiram prodígios...

Vinho doce o odorante, primeiro, jorrava da nave

E fluía flagrante e sonoro exalando um perfume

Imortal! Grande horror assaltou os marujos ao verem.

De repente, no topo do mastro alastrou-se uma vinha

Carregada de cachos, crescendo por todos os lados,

E do mastro ao redor enroscou-se uma hera noturna

Toda em flores virente onde frutos ridentes pendiam;

As cavilhas cingiam coroas. Tal vendo, os marujos

Ao piloto premiam que a nau para a terra ligeiro

Dirigisse. Mas, dentro, em leão se tornou Dionísio

Que terrível por sobre o convés grandes urros lançava.

Já uma ursa felpuda no meio criou, prodigioso,

Que se alçou furibunda. O leão, no mais alto da ponte,

Fulgurantes olhares lançava. Pra popa fugiram

E ao redor do piloto, que espírito calmo mantinha,

Se agruparam turbados. Mas súbito o leão atacou

O cabeça. Os demais, vendo aquilo, ao mau fado escapando,

Todos juntos se às águas do mar atiraram divino

E viraram golfinhos. Doeu-se porém do piloto
E o reteve e, fazendo-o feliz, o seguinte lhe disse:
"Nada temas, Hecátor, que ao meu coração és querido.
Sou Dionísio multíssono, aquele que foi concebido
Por Sêmele cadméia depois de por Zeus ser amada."
Salve filho da de olhos formosos, Sêmele. É
impossível,
Esquecendo de ti, se compor um cantar harmonioso.

Nota: Poema publicado originalmente na revista *Elysium*, Volume 1, n.º 2, maio 1992, Brasília. O Poeta fez posteriormente algumas modificações, a saber: linha 4, acrescentou "e negros"; linha 23, acrescentou "Desde já"; linha 31, acrescentou "aqui"; linha 50, suprimiu "investiu e"..O Hino Homérico a Dioniso" foi substituído por "A Dionísio"..

POEMA

Andam no mato uns tantos faunos doidos,
Pelo que ouço de cascos e de flautas;
E pelo ondear das moitas não são modos
De gente ou bicho nem de brisa incauta.
Não longe da varanda eu desconfio
Quando aumenta o mormaço da soalheira;
Atravessam ligeiros a ladeira
Que corta a manga em direção do rio.
Mas que estarão fazendo estas incríveis
Bestas-memória próximo de casa?
Fico a pensar se ninfas acessíveis
Moram por perto... aos poucos uma brasa
O coração me acende e o vai
queimando
E corro para os matos delirando...

POR QUE ME CRISPO E...

Por que me crispo e me calo,
Por que me amarga a garganta,
Nest´hora em que todos cantam
Por que emudeço e não falo?

Que triste recordação
O coração me recorta?
Será gente, viva ou morta,
Que me lembra o coração?

Decerto que deve ser
Qualquer coisa de menino,
Qualquer coisa que o destino
Havia de sempre ter

Assim sempre lembrada
Com sabor de nostalgia,
E que seria em poesia
A qualquer tempo gravada.

Também pode ser ainda
Por um meu qualquer defeito...
Um complexo que se finda
Nisso de não ter jeito

Pra gente alegre, nem festas,
Nem tambores na avenida

.....
.....

Mas, sim, pode ser também
Que simplesmente isto seja
A tristeza que me beija
Sem mais beijar a ninguém.

A NOITE...

Ó noite benevolente,
Lene irmã do sono, pura,
O seres triste só sente
Quem te sente criatura.

Como agora te sinto,
Pousado no leito, infirme,
Nest´hora de não sentir-me
Mas de bem saber que minto.
Que minto... que não hei de
Falar claro de meza (?)
E te invento natureza
Que se ajuste à minha sede.

NENHUMA POESIA

Nenhuma poesia sinto
Naquilo em que todos sentem;
E, pra não dizer que mentem,
É que admito então que minto.

Sim, minto porque NE forço
A vos construir poesia
Certo de que não valia
Nenhuma pena ou esforço.

FALO EM COUSAS...

Falo em cousas comuns, ultrapassadas:
O tédio, a solidão, e esta besteira
Que se chama tristeza. Que outro queira
E faça cousas atualizadas.

Vem, meu amor. Difícil conseguir
Fugir à sombra do edifício e vir

Ao que somente leva e nunca traz
Caminho. Outro não era o gosto, o vinho.